

340

# O PRETO, E O BUGIÃO

AMBOS NO MATO,

DISCORRENDO

SOBRE A ARTE DE TER DINHEIRO

SEM IR AO BRAZIL.

DIALOGO, EM QUE O BUGIÃO COM  
evidentes razões convence ao Preto sobre a ver-  
dade desta Proposição.

PRIMEIRA, E SEGUNDA PARTE.



L I S B O A:  
NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1816;  
*Com licença,*

P R E F A Ç Ã O  
DO EDITOR.

**E**Ntre os raros manuscriptos, que se achárão na Bibliotheca de hum Americano sábio, foi o presente Dialogo, que assim pela importancia do argumento, como pela propriedade da linguagem, e formosura engraçada com que exprime a Natureza, nos pareceo digno de se offerecer ao Publico. Para facilitarmos mais a sua intelligencia, advertimos, que os dois Interlocutores se tinham arrancado do captiveiro, e retirado para os matos da America, como do mesmo Dialogo se manifesta.



# DIALOGO

ENTRE

## O PRETO, E O BUGIO.

### PRIMEIRA PARTE.

*Preto.* **A** Gola si: já nem Siolo, nem os fio da pura dos fio, e do muier, nem os roça, nem os mina, nem quanto diabrula ha, fará affiçon aos Preto . . . . Mas os mato bore, e os vento non fá buia! Non seia ere mia Siolo, que veia por ahi suraparo a por-me os mam, e os boa vontade! Mim ergue os cabeça, e arregaia os oia lá pla dentro dos mato, e vê outros Preto, e non mi palece Preto! Quem sá vozo, e que plócura pela qui?

*Bugio.* Eu sou hum vivente, como tu, nascido, e criado nestes bosques.

*Preto.* Que maravia! Vozos mi palece huns Preto pequeno, nascido como mim lá nos Cósse ra Mina: nos fala, nos mam, nos oreia, nos cabeça, nos oia. . . ma sá muy caberuro, e non sei, que riabo de feiçio, e clemença ter vozo nos cabamento do costa!

*Bugio.* Pois aqui verás, que não sou Preto como tu, ainda que fosse nascido na tua mesma patria,

*Preto.* Si vozo non sé riabo, ao meno sé pla mim huns coisa novo. Diga vozo, plo ventura recuie-re nos casa como nozo, e tem Sioro, que governa sore toro os familia, e que fã trabalhá toro o ria nos mina, nos roça, e nos enpenha pala fazê cleder sua dinheiro, e ser hum Siora glande?

*Bugio.* A minha casa tu a vês; são estes matos: a telha que me cobre, cobre todo o mundo: são os azalados Coos, ob-a do primeiro Ente, os tetos das nossas casas: tive pais da minha mesma raça, que não vi mais depois que pude nutrir-me do sustento, que em toda a parte me offerece a Natureza por estes bosques.

*Preto.* E vozo que dá a dente, e mete pala handuio, si palaqui non vejo mio, e feijão, nem travaia Pleto?

*Bugio.* Eu pelo que conjecturo, tu es Preto fugido de poucos dias dos grilhões duros de algum Branco, em cujo poder cahiste desgraçadamente captivo, depois de seres vendido, e trocado a rolos de tabaco nas Costas de Africa, e mandado para estes sertões trabalhar para Senhor branco; e como só comias angû, e tomavas de tarde em tarde a tua cachaca, e nada disto encontras nestes matos, por isso te admiras. Ora ouve, e repara: a Natureza he providentissima para com todos os viventes: nestes mesmos bosques usando eu da minha liberdade, sou mais feliz, que os Reis abafados com montes de negocios, como escravos de seus vassallos. Eu já padeci tambem a desventura de ser captivo por hum Branco, que me conduzio prezo ao Rio de Janeiro: e ainda que elle não era deshumano, por ser homem que lia muitos nos livros;

todavia eu sempre suspirava pela minha antiga liberdade: melhor sabor achava eu nas frutas silvestres destes matos, do que nas iguarias, com que elle me regalava: aprendi muito delle; porque a minha curiosidade me incitava a escutar todas as conversações, que elle tinha com outros homens de letras; porém mais ditosa julgava a sorte de meus companheiros rusticos, e ignorantes, vagando livremente por estes bosques, do que a minha, não obstante achar-me mais sábio que nenhum delles.

*Preta.* Mi estar smaravido de curi-la voz, non sendo voz Blanco, nem Preto: Non tem-ia voz mandinga! Jesu me vaia! Non scia ere o riabo em figura de voz!

*Bugio.* Eu não sou diabo, nem o diabo he o que te falla: a Natureza, que me distinguio na descripção entre curros animaes, e que aperfeiçoei na conversação de meu Amo, e de outros sabios, que com elle se juntavão, he a que te falla.

*Preta.* Passa fola com voz! Lá mi parece que sã os Natureza que falla; porque os Natureza sã hum fátigaria para toro gente, e voz ter aperfeiçoaro tanto, que parece que adivinha.

*Bugio.* Não adivinbo; porém a Natureza grita tão alto nos meus ouvidos, que eu te digo agora, em que consiste a minha maior admiração.

*Preta.* Vem-ia ji: pom-ia plaqui, que non pore coc-tê os paciencia.

*Bugio.* A Natureza, senhora de todo o mundo, não

deo imperio algum aos homens, para despojar da liberdade aos seus semelhantes; e eu vejo-vos despojados a vós deste bem.

*Preta.* Jera que verdade! Nenhum tira com vozo com tanto crareza; vozo ter huns lingua sagrada.

*Bugia.* Os homens não só offendem a Natureza despojando-vos da liberdade; mas tratando-vos com maior crueldade, que aos brutos; porque o Senhor, de quem fui captivo, tinha dois escravos da vossa raça, e a mim tratava melhor que a elles.

*Preta.* Pois essa Siolo non recitava a vozo cósta com o reilho, até romper os veia, depois de ter a vozo morto de fome, e de trabalho?

*Bugia.* Já te disse, que o Senhor de quem fui captivo, me regalava, e se eu padocia alguma coisa, era pela falta da liberdade, sem a qual as iguarias mais gostosas são sempre amargas.

*Preta.* Voze pole ensiná pelos Mina, meoro que Siolo Crega ensinava a nozo sentaro nos cadeira. Ma vem ao tessa huns coisa que fã encoier, e tapar bico. Se nozo os Pleta fola do jurisdigon diabolica dos Branco, podemos passar os vida como vozo, então leva riabo a Branco, que sem Pleto não pole miná, nem plantá, nem roçá; e assi já non pore fazé sacco para recoier, e levá os oiro dos mina, e hi sé huns Siola glande, tarvezo lá nuns paioça veio dos outro banda dos agua, donde ter vindo toro esfrangaiado, e com os carcaiar rota.

*Bugia.* Tu imaginas que os Brancos para possuirem

os cabedões, que tu dizes, lhes seria preciso abandonar o amor da patria, dos pais, dos filhos, dos parentes, e amigos; enrostar a morte por cima dos mares; afrontar immensos perigos, reconhecer novos astros, penetrar novos climas, e degradar-se da humanidade, sendo tirannos, e crucis não só comvosco, mas comigo mesmos. Ah! a Natureza a todos liberaliza os meios de viverem felizes, sem que se aventurem aos excessos da ambição: ella assim como repario pelos animaes diversos dons, a cada homem dotou de particular talento para adquirir o necessario para a vida. Dilata tu os olhos por toda a terra, e verás o pavão adornado de formosura, o roxinol da suave melodia do seu canto, o leão de hum brioso valor, o cavallo da ligeireza, a rapoza da astucia; verás o elefante symbolo da prudencia, o cão do agradecimento, a formiga da diligencia, a aguia da sublimidade, e o boi da mansidão; e tollos contentes, e satisfeitos com sua sorte: mas não são assim os homens, desde que se afastarão da simplicidade da mesma Natureza. Os primeiros se alimentavão dos frutos das arvores, e leite dos animaes; e nós vemos hoje as mezas gemendo de baixo do peso de mil guizados superfluos.

*Preto.* Não se pore duvidá; mim toro os dia via assi nos meza de mia Siolo; o leite, e os fruta era o sobremeza de ere; ma quanto vianda tinha ere já nos bandaia?

*Bugio.* Nada me dizes de novo: os Brancos não só são excessivos no comer, mas tambem no vestir, e em muitas outras coisas. Eu ouvi ao Senhor, que tive, discorrer muitas vezes sobre esta materia; e hum dia elle fallou com tanta força, que ainda me lembrão suas palavras: Ah! (dizia elle) se os homens vissem con-

forme a Natureza , não viramos tantas famílias arruinadas , tantos marcebos de altos espiritos abaixados , tão celebres negociantes fallidos , tantos enganos , tantos roubos , e ninguém se lamentaria de falta do necessario : mas donde cheião os homens em seus excessos ! A profusão dos banquetes , a multidão das alfaias , as turbas dos criados , os jogos , que as leis mais sagradas prohibem ; e destes excessos em quantos outros se precipição , motivando a indigencia , destruindo as forças , e a saúde ! Pois quem pôde duvidar , que os jogos immoderados são a origem da ruina das casas , do desperdicio do tempo , da molleza do espirito , do descuido dos proprios deveres ? Que os banquetes profusos são dissipadores dos bens da fortuna , dos dons do corpo , e do espirito ? Que a multiplicidade de criados , e de vestidos , longe de realçar o esplendor do pessoal merecimento , antes com os fumos de huma cega vaidade o escurecem ; roubando a mesma vaidade não somente o direito , que os outros homens tem ao que resta á moderação , e sobriedade da vida , mas tambem despenhando no abysmo da pobreza aquelles , que ella captiva , e senhoresca ?

*Preta.* Em quanto voço farare assi , e os branco praticare o que dizê , muntos arroba d'oilo telá no seus paize , sem passá aos Brasil ; nem pole temê os conta rigoroso a Siola gl'nde , que turo ha de lançá no barança do justiça suplemo , como mim ter ouvilla aos Crega dos Mina , quando ere en-inava as Fleio , e a Branco ; mas confunde a mim huns idéa novo : ou voço , e esse Siolo que fazia nos Mina os plegaço engana aos Fleio , e a Branco , ou farô verdade ; se engana . que leve riabo a cre , e se non engana voço quebla cabeça , e . . . .



*Regio.* Estes, que tu ouviste pregar nas Minas para instrucção dos Pretos, e Brancos, ensinavão sem engano as maximas da Religião, que são todas conformes á Natureza. Mas o que mais assombra a esse sábio, que tive por Senhor, era, que sendo a arte de adquirir dinheiro a mais facil a todos os homens, elles desat-tendão as suas regras, abalançando-se a excessos tão contrarios a ella, entregando-se ao ocio, que destroe o principio fundamental da mesma arte: por quanto a Natureza imprimio no animo de todos os homens huma certa inclinação para o trabalho, em que podem occupar-se com maior prazer, e por consequenteo distinguir-se entre os mais, e conseguir o cabedal preciso na sua patria, sem ir buscar a sepultura nas ondas do mar, ou debaixo das abobedas das minas.

*Preta.* Mim estar sartando já por ouvila vozoz os regra fundamentare pala os Branco, e os Preta nunca farete dinheiro fola dos Brasil.

*Regio.* Eu ouvi dizer a meu Senhor, que se podião reduzir a duas, e que se qualquer homem as praticasse, infallivelmente teria dinheiro em abundancia no seu mesmo paiz.

#### *Primeira Regra*

Seguir o genio, e cultivar os talentos de que o adornou a Natureza.

#### *Segunda Regra.*

Evitar os excessos da prodigalidade, e tambem da avareza.

*Preta.* Quanto vozoz dizê mê qui si, bom ma ago-la palece que está asniã. Fara vozoz nos excessa dos va-

rezza? Os varenta sã o que tem dinheiro maior de baixo de quanto ferruio ha.

*Bagis.* O teu argumento sômente tem apparencias de verdade; porque os varento igualmente falta o que tem, que o que não tem. Mas eu passo a explicar-te por sua ordem as duas regras, que te expuz.

O que se chama genio, não he outra coisa mais, que aquelle dom particular, que a Natureza deu a cada hum dos homens, que os distingue em seus respectivos ministerios, e officios no meo do Mundo. He o Mundo hum theatro magnifico, em que representão diversos Actores os papeis, que lhe forão distribuidos pela mesma Natureza. He huma musica bem concertada, em que cada homem deve cantar naquelle tom de voz, que lhe he natural. Mas resplandece a summa benignidade, amor, e sabedoria da Natureza em unir a utilidade do homem ao seu maior prazer; porque o mesmo genio, que o inclina occupar-se nos officios, e ministerios, que lhe são mais jucundos, e apraziveis, lhe fornece os meios de ligar singularmente no Mundo, e adquirir com que se alimente, dando maiores talentos aos que deo condição mais forte, e espiritos mais generosos; e pelo contrario mais limitados ao que tem menos abeza de espiritos, proporcionando desta sorte com huma sabedoria ineffavel os meios aos fins.

*Prato.* Voco sã hum rethorica bom; mas turo isto sã hums folhige, e mim non percebere ainda o expriçao do regra plimata.

*Bagis.* Pois tu não percebes ainda o que he o genio? Não sabes a força, e o imperio, que elle tem sobre

os homens? O genio he ainda mais rico, que todas as minas da America; elle só consultado, e seguido e n-fôrme o destino da Natureza, he capaz de enriquecer os homens, e formar seus thesours. E eis aqui a razão porque no abuso que fazem os homens deste celeste dom, vemos que a indigencia se offerece de todas as parte a nossos olhos; vemos huns, que só tiverão talentos para a milicia, consagrados ás letras; outros empregados nas armas, que só na literatura fazem progressos, e fortuna: e se fossemos discurrendo por todas as classes de officios, e ministerios, com quanto espanto não veriamos os deploraveis effeitos, que se seguem deste abuso, que consiste em se trocarem, e confundirem os genios; e por esta razão serem tão mal desempenhados os officios, e ministerios, assim Ecclesiasticos, como Civis nas Republicas. O homem que segue o seu genio, e cultiva segundo elle seus talentos, distingue-se entre os mais homens; distinguindo-se entre os mais homens, tem meios de subsistir; tendo meios de subsistir, tem nas suas mãos a Arte de ter dinheiro, e Arte de ter dinheiro fóra do Brasil.

*Preta.* Tomá! e parece a voz, que sá huns maravia, e que tem sbrido em to-o esses invectiva? Cuida voz qu: os Flea tem os moera dos masinda, e os alma do Bugia. que turo engore, e ere? Turo quanto voz diz e sa huns multidom dos paravra, que faz hum buia, que parece hum hui nos eira, e non passa dos ocia Teima voz meter em cabeça aos Branco, que turo o fortuna de ere sá . . . . Jeú me vaia: sí . . . sí huns incrinaçon de . . . . Esprica voz, que o téssa non pore guardá turo.

*Regia.* Ten-lo tu huma alma com faculdades tão nobres, he para admirar, que assim te escorreguem as

doutrinas, e dictames de tão alta consideração! He só no hum uso, que se faz do genio, que a Natureza reparte a todos para seus respectivos fins, que está a Arte de ter dinheiro em toda a parte.

*Prta.* Mim ainda non pole perceber estes tramoia do vosso invençon; turo he farare nos engenha, nos engenha, e dixé que pole sé glande Siolo fóra dos Brasil, si fóla dos Brasil os engenha sã tão rigoroso, como sã o dos Blanco aqui, então vá vozo bugiá com toro o vosso engenha.

*Bugiá.* Olha: não sejas cabeça de ferro, não abuzes tanto da tua razão. O genio he huma coisa, e os engenhos do Brasil são outra. Trabalhar nos engenhos, como tu sabes, he huma desgraça para a vossa gente, porque á força de fome, e de hum continuo trabalho, acabão a consolação da sua vida nos braços duros de huma morte, que a maior parte delles desejão outras tantas vezes, quantas respirão: e trabalhar segundo o genio de cada hum, he ser Ferreiro, o que tem genio de Ferreiro; Ecclesiastico o que tem vocação, e genio para ser Ecclesiastico; e não ser Ferreiro o que devia ser Abbade, e Monge o que devia ser Soldado.

*Prta.* Ora vozo quere brincá: se turo ploccde do genio, supponha vozo que mim non tem genio de aturá a Blanco; e pro ventura, se Siolo manda trabaiar os Pleto, Pleto non travaia, e non fã huns conveniencia bona a Siolo? Supponha má, que os Pleto só tem genio pala comé bon, e bebê meoro, como pole sé que os genia sã huns arte de ter dinheiro pala sbrriar com cre?

*Bugiá.* Ora socega, que eu te prometto dar em

outro dia huma explicação tão exacta, e clara, que desfaça toda, e qualquer duvida, que possa offercer-se á tua razão. Agora he justo que vás tomar algum descanso, e refeição.

*Preto.* Se vozo di o explicação que plomete, e dá aos Blanco esse invectiva nozo pala não torná pla Brasil ser fragero dos Preto, toro o nozo gente fará festa por toro o mundo; nozo setemo foro como Blanco, e amigo como se foramo nascido no mesma habitação, e paízo.

~~~~~

## PARTE SEGUNDA.

*Preto.* **Q**ue dia tão flemoso! O Ceo parece que tem os oia aberto, que oia toro rizoinha pala mim; os mato hoje mi parece meoro que honte por os maian; si huns maravias novo; ma Preto ha muitos dia que non sé captivo, nem os costa si aossaro com o riabo do reilho dos Blanco.

*Rugio.* Ahí se vê claramente o que he a liberdade. A Natureza sempre foi a mesma: e que manhãs não tem passado por ti tão boas como esta? mas então não abrias os olhos, sendo tremendo: humas vezes vias no Ceo com fume as estrellas; outras vezes os puihas em branco pelo rigor do reilho, que depois de te cortar as costas, te cortava os fios da alma: desta sorte tinham elhos, e não vias; agora com a liberdade gozas tudo. Vês a variedade de bellissimas cores, que esmalhão as nuvens: aquellas rubicunhas entressachadas de huma brancura, que vence a de neve; estas

diafonas, e abstrissimas recamadas de ouro celeste: ella que diversidade de figuras não furio aquelloutras, e que abobeda de marmores, e de jaspes variados em cores, ha sobre a terra, como esta parte do céu que nos cobre: repora como o vento faz tão doce murmurinho nos silvestres arbustos, que ellece a nossos olhos huma vista tão deliciosa: tudo no que nta, tudo nos atrahie a gozar de nossa liberdade, e conversar á sombra deste arvoredo.

*Preta.* Fãz vozo em descanço os somba dos arvore? Iso non pare sê: se Preto fosse Bugia o mo vozo, que non sei em que riabo ferra os d'ura, posiamo vivê descanço; ma Preto sê como Branco, comem a farinha cozido, e outros vianda que vozo non come; e se non trabaja, nos mina, roça, ou engenha poble Blanco, e degraçado Preto!

*Bugia.* Para viver sem tyrannizar a gente preta, sem os Brancos abandonarem o seu país, fazendo se desgraçadas victimas do ouro, que esta para cá dos mares, jã eu te prometti dar huma exicta explicação das fundamentaes regras, em que jã concevi a talante, e em cuja observancia está a felicidade dos Pretos, e dos Brancos.

*Preta.* Agola palemos vozo dizê, que vozo ter parava mouro ainda que Blanco; os oucia de ouvia vozo sã tão glande, que mai non pare sê: san mai burio de parava come;a vozo, que mim jã ter os oucia preto, os oia aberto, e os cabeça á banda.

*Bugia.* A primeira vez que conversãmos, me lembra ter dito, que a Natureza me assignou na astucia entre todos os animacs; elles em todos os seculos nos

reconhecerão superiores neste dote: a mesma raposa, que se põe a d' exceder na ardileza aos mais bratos, já em tempos antigos, tendo hum demanda com o lobo, elego por juiz a hum dos meus ascendentes: e repara com que prudencia sentenciou a causa. O lobo condemnava a raposa de hum furto: negava ella o ter commettido similhante delicto: então hum dos meus senado em Tribunal, depois de ouvir armar cada hum d'elles, proferio esta sentença: Tu, ó lobo, pareces não ter perdido o que pedes; e tu, ó raposa, creio tees occultamente furtado o que claramente negas: por tanto, se eu loua tambem juiz entre os humens, nenhuns d'elles se queixaria da falta de diuheiro.

*Prta.* Não cá plicizo tanto espriá; diga vozo em meno paratra, o que a Pleto pure satisfazé.

*Rag'a.* Não te afflijas: tu deves saber, que ha hum litigio perpetuo entre os Brancos ricos, e pobres: estes condemnáo aquelles de azaros, porque não lhes conferem os soccorros, que pela ordem da summa Providencia lhes pertence: e aquelles censuráo a estes porque entregues ao ocio não trabalháo. Ora similhante demanda terminaria eu com estas duas palatras: A vosa pergu eu, ó pobres, he inexactavel; a vosa des-humanidade, ó ricos, he injustissima.

*Prta.* Vozo condemna pobre porque non trabalha, e os rico porque non dá? Mim non pure entendé.

*Rag'a.* Abre as ocellhas, e atende á explicação. Hum grande parte dos pobres se habitáo á mendicidade: por enterrarem seus talentos, e não cultivarem seu genio: o qual eu te declaro ainda mais do que o fiz a primeira vez, que nesta materia fallamos. A

Natureza destinou o homem para a felicidade: por conseguinte concedeo-lhe os meios de ser feliz. Estes meios estão collocados naquella dom especial, que possui cada homem para alguma cousa interessante á sociedade; pois o homem não nasceu unicamente para si; de outra sorte nasceria provido de todos os socorros, sem serem precisos os estranhos dos outros homens. Por tanto desde o mais infimo homem até o supremo nascerão para trabalhar, e só occupados neste trabalho pôdem ser ditos, e felizes; porque de outro modo, vivendo violentados, não conseguem prosperamente o seu fim, oppoendo-se á ordem com que a Natureza os dispoz. Dize-me tu, se huma ave quizesse nadar como os peixes, ou se este mato intentasse produzir os fructos da palmeira, não admirarias huma desordem, e violencia em a Natureza? Pois da mesma sorte deves pensar a respeito dos homens.

*Preta.* Mim até agora entendê, que vozo com es ideia novo tirava Preto do trabalho, e a toro gente Blanco, e Preto; e vozo teima a dixê, que turo nascoo pala trabalhá, e que deve trabalhar! Desgraçado do que non tem os oia, os pé, ou os mam, e que das cama non pore levantá os cabeça!

*Bogio.* Acaba de entender-me, que ninguém, nem tu, nem todo o mundo está izento do trabalho, mas sendo este emprendido do modo que te tenho dito, será hum trabalho sem molestia, e enfado para quem puder fazer uso livre de suas forças, genio, e talentos; e para os que jazem impossibilitados, a mesma Natureza ordena aos ricos, que os sustentem, e providencem sobre sua saude; e se nisto ha falta, he delles, e não da lei, nem do Author della.



*Preta.* Agola entende turo o que dize; ma ainda non pore cali nuns coisa: Diga vozo, plo ventura, si turo o gente Blanco, e Pleto ablaça o expicagon, acaba o desglagado de ser pobre, e sá turo rico, como hum Siola glande?

*Rogio.* Para ser rico, e ajuntar ciberaes não basta seguir cada hum o genio, e talentos de que o dotou a Natureza; he necessario tambem observar exactamente a outra regra, que eu já estabeleci. Em casa de meu Senhor ouvia eu todas as horas lamentarem muitos seus excessos passados, como causa da sua indigencia presente: os homens aspirão sempre á grandeza, e sua vaidade os excita a demasiadas despesas, o que se chama luxo excessivo; porque o luxo moderado, que olha ao decoro, e á decencia, e que abomina o superfluo, este luxo faz florecer as artes, e gera a abundancia nas Républicas. Se tu perguntares a qualquer homem de alto, e esclarecido genio, que em outro tempo viveo opulento, e abastado de bens, a razão porque se vê submergido na indigencia, elle se quizer fallar com ingenuidade, te dirá, que os seus vicios, a sua vaidosa ostentação, os seus excessos: Os homens devem aprender desses humildes animaesinhos, que em numerosas esquadras vemos no tempo do verão trabalhando sobre a face da terra, a fim de viverem abrigados das chuvas, e do frio em suas moradas subterraneas no tempo do inverno; de-veya digo, aprender delles a ser providentes.

*Preta.* Se sá digno de louvoro o que trabalha em ajuntá; ninguem deve vozo louvar mcoro que aos avarenta que recoie, e affertoia turo.

*Dogia.* Não percas da memoria o que já te disse;

Uma de tudo e que acabo de expor, se infere clarissimamente, que obstruadas as duas esabelcidas regras, ninguem podera lamentar-se, ainda sem ir ao Brazil, da falta de dinheiro; por quanto he incomensuravel, que todas as causas da pobreza se reduzam unicamente ao descuido, e negligencia de reger o proprio go-

verno. Não percebo, e concludo o meu discurso; A liberalidade he huma virtude essencialissima, e dignissima de todo o homem: todos devem ser liberes, ainda os mais pobres; mas a prodigalidade, que he hum vicio tao funesto, como te expuzi, pertence somente a sua figura: desta sorte se transmutado os nomes dos vicios, chamando ao profuso liberal, ao egoerico, ao avaricio economico, ao mesquinho ao navelado, e diligente. Verdaderamente o prodigo he somente aquelle, que não proporciona suas despesas ás forças, e possibilidade de seus bens: e prodigo cruel, e deshumano em avaricio, e omnes superfluos detraha com mão larga aquillo, com que podia cobrir a nudez, e satisfazer a fome de muitos miseravellos.

*Prva.* Não percebo vozou hum só parava, que a mim agitada bem.

todo no meio de suas adversidades. Grande Sultão do Universo: e não sendo generoso, a sua desbumidade lhes arranha a maldiva do do tambem o dinheiro aos pobres, que tem direito a não ficarão como de dependem; porque segundamente, em enfermidade, que he, comecem quando incorem muitas vezes, por e usa de sua mercia no mundo; porque lhes regando o dinheiro ao peccar, e adente, que os avaricos são os mais pobres do

nio, e aos excessos do luxo immoderado, e da injusta avarizia.

*Preta.* Já non pore deirá de incriná os cabeça, e contê-si, que vozo doutrina si huns doutrina tão craro, e verdadeiro, que pla mim si huns admiraçom non sé placida por toto o mundo. O trabalho a que vozo obriga os Picto, e os Blanco, sá huns trabalho a que ninguem se pore negá sem molecé huns có-sa bom; porque os genia, e os incrinaçom do Natoreza a toto o gente move pala ere, e fóla de trabalho ninguem pore vivê em satisfaçom. Mim agela sem trabalhá non pore contê, ainda que mim ter ab-minaçom a captivoiro cruere de Blanco, de que sá horro; com turo non aglada a mim estar aqui sem nada fazê: evita vozo tanto pleguiça, os excessa de pl-digo, e dos vareta, que nozo poderemo toto asi havé os oira, e trianfá dos indigência, e de turo quanto pore infelicitá. Se aqui apalacera agela huns Blanco, que pole escrevé os maravioso doutrina, que vozo placidá, e toto os gente ouvirê ens oreja aberto, faria ere so família toto do mundo hum favoro, que nozo non pore imaginá.

*Rogio.* Sim; porque o dinheiro vale tudo; e esta instrução, que eu ouvi de meu Senhor, e que te tenho dado, he de tanto preço, que se todos a praticassem, como tu já confessas, o ouro todo das Minas a não pagaria; porque sem ser preciso arrastarem-se os homens de seus paizes, e correrem em monações ao través da irada fa.e dos elementos, e da mesma morte, possuirão na sua patria os meios de huma subsistencia feliz.

F I M.

## TERMO BIBLIOGRÁFICO

O PRETO, e o Bugio ambos no mato, discorrendo sobre a arte de ter dinheiro sem ir ao Brazil. Dialogo, em que o Bugio com evidentes razões convence ao Preto a verdade desta proposição : primeira, e segunda parte . – Lisboa : na Impressão Regia, 1816

L. 4980<sup>26</sup> V.



# Caminhos do Romance

Brasil - Séculos XVIII e XIX



Projeto Textos  
LARIOP



**Título:** O Preto, e o Bugio ambos no mato, discorrendo sobre a arte de ter dinheiro sem ir ao Brazil.

**Fonte:** Biblioteca Nacional de Lisboa

Outras obras em:

[www.caminhosdoromance.lil.unicamp.br](http://www.caminhosdoromance.lil.unicamp.br)